

## PREÂMBULO

### CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Nenhuma nação se desenvolve sem o suporte da ciência e tecnologia. Num mundo geopolítico-econômico globalizado, é sumamente essencial o conhecimento, a inovação, a competitividade, a capacitação, em especial de profissionais pesquisadores e cientistas, de forma a se dar sustentabilidade, elaboração de produtos, serviços, negócios.

Indispensável estimular-se, em nossos alunos, desde os primeiros anos de escolaridade, a curiosidade, o raciocínio, a experimentação, que são próprios do pensamento científico e fundamentais ao desenvolvimento nacional. Urge, para tal, a flexibilização dos currículos escolares, desmistificando-se o conceito estereotipado de que matemática, física, química, biologia são matérias difíceis. Incentivar nossos educandos ao conhecimento, à prática científica são atos da mais virtuosa cidadania, induzindo à reflexão, à análise, ao desafio, à tomada de decisões.

Disciplinas como matemática, ciências são essenciais desde o ensino básico, pois legam conceitos e modelos básicos de ordenação (princípio, meio, fim), análise de variantes (causa/efeito), conduzindo a criança e o jovem ao melhor entendimento dos desafios, à busca das respectivas soluções. São desenvolvidas, assim, conceituações a partir do problema – o saber avaliá-lo, questioná-lo, apresentar as soluções pertinentes.

A familiarização da criança com o meio ambiente, pequenas experimentações são um primeiro passo ou interface para a compreensão e interação com o mundo que nos rodeia e no qual atuamos como cidadãos e profissionais das mais diversas áreas. Importante, ademais, investimentos em espaços educacionais não formais – visitas a empresas de uso tecnológico, a museus de ciências, experiências em espaços públicos, pesquisas estimuladas e compartilhadas etc.

As empresas, igualmente, necessitam investir, apoiar iniciativas afins, dentre elas pesquisas, em seus respectivos setores comerciais. São elas as maiores interessadas, receptoras e usufruidoras de tecnologia. Nosso Estado e em particular nossa região – pela sua riquíssima biodiversidade, suas tradições culturais, pelo renome de suas universidades, centros tecnológicos e pesquisadores – têm tudo para o desenvolvimento de projetos na área científica, como nas áreas alimentícia, cosmética, medicamentos etc. Questão de motivação, ação...

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### AUMENTANDO OS BENS...

Enviuvara, jovem ainda. Homem de inúmeros negócios – terras, gado, lavouras, cereais, transações bancárias – tantos, que, na prática, ele perdera o controle, a conta, se estava no azul, no amarelo ou caíra, há muito, no vermelho.

De olho na filha solteira de poderoso empresário da região, decide se apresentar, apostar em bom partido. Jogara antes bastante confete, afagos à moça. Eram tempos convencionados em que, para namorar, tinha que se pedir autorização paterna.

Com certo receio, leva consigo um padrinho, um amigo, homem de boas relações com os pais da jovem e que pudesse favorecer seu pedido, o seu intento comercial – ah, perdão! - matrimonial. E que era lá muito loquaz, simpático. Combinam, entre si, que, a cada pergunta do pai – geralmente eram sabinas pesadas aplicadas aos pretendentes – que o amigo seria hiperbólico, exagerado nos comentários, suplementando e “aumentando” as respostas do viúvo casadoiro. Uma forma de impressionar o “velho”.

- O sr. tem, então, muitas terras? pergunta o empresário, pai da moça.

- Sim...sim..., murmura o moço, esfuziante.

- Incontáveis alqueires e mais alqueires, a perderem de vista... complementa o amigo.

- Gado?

- Um razoável rebanho... responde o pretendente

O amigo: - Mas, como ele é modesto!!! Gado aos milhares...

- Dizem que o Sr. tem bastante café?

- Uma plantação considerável...

O amigo, estalando, ruidosamente, os dedos:

- Centenas de alqueires plantados. Milhares de sacas em estoque, abarrotando os celeiros da fazenda e os armazéns da empresa exportadora...

O pai da jovem, arguto, faz pequena pausa. Pondera, a seguir:

- Quem tem muito movimento, tem também dívidas, compromissos, o senhor não acha?

O pretendente, pego de surpresa, esclarece:

- Coisa que, na prática, não tenho... Apenas pequenos acertos...

O amigo, erguendo-se, de um salto, da cadeira, a plenos pulmões: - O quê?! Tá quebrado como quítera, arroz de terceira...Tudo que ele tem não dá para pagar bancos e agiotas...

Depois dessa, adeus, viola! Lá se foram os planos do jovem viúvo, ladeira abaixo...



# ADIVINHAS

- 1 - Por que o boi vive sempre babando?
- 2 - Por que a abelha morreu eletrocutada?
- 3 - Por que a mulher tem boca e o papagaio tem bico?
- 4 - Por que o elefante colocou sua mulher na geladeira?

Respostas: 1 - Porque ele não sabe cuspir; 2 - Porque ela pousou numa rosa chue; 3 - Para comer; 4 - Porque ele não sabe elefanta

## Provérbios e A dágios

- Não se faz omelete sem quebrar os ovos (ditado chinês)
- Se queres ser um pavão, pare de andar com urubus
- Passageiro espera o trem na estação
- Gemido de rei no banheiro, alarma-se o reino inteiro
- Baile terminado, músicos a pé
- Quando em Roma, faça como os romanos



### Para refletir:

- Há pessoas que nos falam e nem as escutamos. Há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam, mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre (Cecilia Meirelles)
- Amor são duas solidões protegendo-se uma à outra (Rilke)
- O belo é o último véu antes do horror (Lacan)
- A palavra é meu domínio sobre o mundo (Clarice Lispector)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

## NOTAS

### CONCEITOS E IDEIAS DE HENRY THOREAU

Se um homem gasta a metade de cada dia a passear pelas florestas simplesmente por gostar delas, arrisca-se a ser considerado um preguiçoso. Mas se ele gasta o dia inteiro como especulador, devastando a floresta e provocando a calvície precoce da terra, aí então ele ganhará a admiração de seus concidadãos como pessoa ativa e empreendedora. Pode uma comunidade se interessar por suas florestas apenas para destruí-las?

Hoje em dia quase todos os chamados melhoramentos feitos pelo homem, tais como a construção de casas e a derrubada das florestas e de praticamente todas as árvores grandes, simplesmente deformam a paisagem e fazem com que ela fique mais e mais doméstica e sem valor. Quem me dera um povo que preferisse pôr fogo nas cercas e deixar de pé as florestas.

A Terra não é propriedade privada de pessoa alguma; ninguém é dono da paisagem e o caminhante desfruta de uma liberdade relativamente grande. Mas é possível que chegue o dia em que a terra estará dividida em diversas áreas de lazer – é esse o nome - nas quais alguns poucos terão apenas prazer estrito e exclusivo; as cercas se multiplicarão, inventar-se-ão armadilhas e outros ardis para confinar os homens aos caminhos públicos; o andar pela superfície da terra de Deus terá um novo significado: o de invadir as possessões de algum senhor respeitável.

O herói geralmente é o mais obscuro e simples dos homens.

As nações civilizadas – Grécia, Roma, Inglaterra – foram sustentadas pelas florestas primitivas que apodreciam nas terras onde elas se constituíram. Elas sobrevivem enquanto o solo não se exaure. Pobre da cultura humana. Não há muito o que se possa esperar de uma nação quando sua cobertura vegetal chega ao fim e ela se vê obrigada a fazer fertilizantes dos ossos dos antepassados. Num lugar assim, o poeta só se sustenta pela sua própria gordura excessiva e o filósofo acaba magro, de costelas de fora.

Toda lei humana, seja qual for, não permite que um indivíduo ou nação cometa uma única e mínima ação injusta contra o mais obscuro dos indivíduos; quem o fizer terá que pagar uma penalidade pela prevaricação. Um governo que deliberadamente prescreve a injustiça e nela insiste, acabará por se transformar no objeto do ridículo de todo o mundo.

Será possível que a humanidade nunca perceba que política não é moralidade, que ela nunca garante qualquer direito moral, que, ao contrário, só leva em conta o que é conveniente? A política escolhe o candidato disponível – que é invariavelmente o Diabo – e seus eleitores não têm o direito de se espantar, pois é demais esperar que o Diabo se comporte como um anjo. O que falta são homens, homens de probidade, e não da política, capazes de reconhecer uma lei mais que a Constituição ou a voz da maioria. O destino do País não depende de sua decisão na hora de votar; nesse jogo, o pior dos homens se iguala ao melhor; não depende do pedaço do papel que você enfia na boca da urna uma vez por ano; o decisivo é o tipo de homem que sai do seu quarto para a rua, todo santo dia.

(Henry Thoreau, extraordinário pensador americano, precursor e defensor de ideias libertárias, como a desobediência civil, pacifismo, preservação ecológica, o individualismo e a educação autônoma, totalmente desligada do Estado. Suas ideias serviram de fonte a métodos pacíficos-revolucionários colocados em prática por Gandhi, na Índia, além de inspirar Tolstói, Albert Schweitzer, Luther King, Nelson Mandela e todos os movimentos pacifistas, ecológicos e de libertação existentes em nosso tempo. Sempre se opôs ao Estado, à escravidão e suas formas disfarçadas, ao imperialismo e toda forma de repressão ao indivíduo. Viveu de 1817 a 1862, passando à história como o Rebelde de Concord).

### MATÉRIA “INCONFIDÊNCIA MINEIRA EM NOSSA REGIÃO”

Retificações – Na matéria “A Inconfidência mineira em nossa região” publicada em nosso boletim edição nº CII, Março/2016, ocorreram alguns erros de digitação/transcrição e que, pelo presente, retificamos:

No tópico “A passagem do Cel. Joaquim Silvério dos Reis por nossa região e sua cooptação para o movimento inconfidente”, onde está escrito “Autos da Inconfidência”, leia-se “Autos da Devassa” (pág.6)

No box “Carlos Toledo, um inconfidente emblemático”, onde está escrito “... uma família de cristãos novos”, leia-se “uma família de cristãos velhos” (pág.7)

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:





# O percurso da água

À meia noite nasce nas matas do Pinheiro uma pequena mina d'água e já sai à procura de uma grande aventura: a festa das águas. Como uma criança já sai pulando nas pedras, quebrando o silêncio da noite, enquanto inocentes pássaros dormem no pico das árvores, animais silvestres se abrigam na beira dos barrancos, lá vai a água, alegre e descontraída, nos ensinando como deve ser a vida.

Às três horas, quando a madrugada impera no sertão, encontra o Ribeirão da Florinda a quem conta sua aventura e descobre que esta também tem o mesmo sonho. As companheiras vão descontraídas, quando, na fazenda ao lado, o galo começa a cantar, anunciando o amanhecer de novo dia; as horas passando, elas cada vez mais longe vão começando a ouvir o aboio de sertanejos à procura das vacas para iniciarem novas jornadas. Os pássaros acordam, começam a gorjear. Seriemas cantam no alto da montanha; o dia vai clareando.

Às seis horas encontram nova companheira: as águas do Ribeirão Água Limpa. Sol nascendo, clareando os chapadões, novo dia, pessoas iniciando a lida de cada dia, a água vai deslizando mansamente, já vê crianças indo para escola à procura do saber. O sol aquece a várzea desfazendo a geada e, no horizonte, vai sumindo um véu branco chamado neblina.

Às nove horas a primitiva miniatura de água encontra o pequeno Rio do Peixe, muito percurso a realizar até o sonhado lugar. Sol esquentando, já se veem lindas donzelas a passar defronte, pássaros procurando alimentos para levar ao ninhal. Vaca mugindo depois da ordenha e do habitual maná. Lá se vai a água levada pela correnteza.

Ao meio dia a aventureira chega ao lendário Rio das Mortes, a minúscula água já vê a beleza de um pequeno mundo; de suas entranhas pescadores tiram lindos dourados, garimpeiros encontram pepitas de ouro, à sua beirada casas em ruínas

(eram estações) atestam os velhos tempos do trem de ferro que deslizava nos trilhos alegrando as pessoas com seus lindos apitos. Manadas de bovinos pastam em margens planas. A água sacia a sede de animais.

Às três horas da tarde chega ao Rio Grande, um gigante de águas, sob sol ardente das tardes de outono, veem-se trabalhadores voltarem aos seus recintos depois da jornada, quase vencidos pela exaustão da labuta. A água vai feliz quando é estacionada para mover uma hidrelétrica e assim ajudando iluminar nossas casas. Depois de pequeno descanso recomeça sua caminhada, sonhando como será esta festa? O sol já está acabando sua tarefa diária e sumindo no além.

Às seis horas chega ao imenso Rio Paraná, fica estarecida de ver tantas companheiras. Arrepende, quer voltar, mas é impossível, continuar é a solução. Porém acalenta com a beleza da paisagem, o sol já foi repousar, frio e vermelhidão no céu anunciam geada no dia vindouro. Quando assusta: no alto da serra vai despontando a lua cheia "que mais parece um sol de prata prateando a solidão"! A noite chega, os pássaros em revoada vão procurando abrigo no pico das árvores. Vão chegando os pescadores da noite; na imensidão predomina o silêncio.

Às nove horas chega ao majestoso Prata, sente agonia, mas a pequenina tem que continuar embalada pelas companheiras. O silêncio da noite vai anunciando a chegada do Sul. O momento está chegando, avança pelos pampas; montanhas, colinas e chapadões mão ficando para trás. Vagalumes ajudam a lua a iluminar a imensidão.

À meia noite a heroica água das minas chega ao Atlântico, lugar encantado, cenário de grande festa.

*Fazenda do Pinheiro  
Márcio Resende*



# Algumas ou várias curiosidades sobre a INCONFIDÊNCIA MINEIRA

- **Delações** – Joaquim Silvério dos Reis não foi o único a delatar a Inconfidência. Após a sua denúncia, na verdade quatro, muitas outras surgiram. Companheiros denunciando companheiros, ainda que amigos, vizinhos, parentes. Um salve-se quem puder, porquanto o pânico tomara a todos. A devassa processada pelas autoridades coloniais, as prisões incomunicáveis, os longos depoimentos, as inquirições pelo Tribunal de Alçada, acareações entre os sediciosos mostram um cipoal de desavenças, calúnias, delações, mentiras, denúncias, sofrimentos e constrangimentos de toda ordem. Momentos de dor e terror em que o instinto de sobrevivência falava mais alto. O termo “Inconfidência Mineira”, segundo inúmeros autores, é deveras adequado, pois a ideia ou comentários de se tornar o Brasil independente, já era de conhecimento das autoridades portuguesas, desde setembro de 1786, em especial do Ministro Melo e Castro. Os envolvidos na trama não tinham papas na língua, divulgavam, buscavam cooptar companheiros em todo lugar, qualquer um, dentre tantos, pessoas infamantes como Silvério dos Reis, Inácio Pamplona, futuros denunciantes da Conjuração. Alguns outros delatores foram registrados pela História:

1. Domingos Vidal de Barbosa Lage representou contra Francisco Antonio de Oliveira Lopes e José de Rezende Costa (Filho);
2. José de Rezende Costa, Pai e Filho, fazem uma denúncia ao Visconde de Barbacena, datada de 30/06/1789 contra o Pe. Carlos Correia de Toledo Melo (seu vizinho de fazenda e de casa contígua na Lage) e seu irmão Luiz Vaz de Toledo Piza. Segundo historiadores, os Rezende Costa, P/F, foram muito loquazes em seus depoimentos, acabando assim por se complicarem e complicarem outros envolvidos do movimento;
3. O Pe. José Lopes de Oliveira, embora um obscuro inconfidente, teria fornecido informações “arrasadoras” às autoridades coloniais sobre o movimento;
4. Inácio Correia Pamplona, que tinha grandes dívidas para com o Erário Português;
5. Basílio de Brito Malheiros do Lago;
6. Francisco de Paula Freire de Andrade;
7. Francisco Antonio de Oliveira Lopes, tido como o mais loquaz e imprudente de todos os inconfidentes;
8. Domingos de Abreu Vieira.

As primeiras providências relativas à prisão e julgamento dos inconfidentes foram realizadas pelo Vice-Rei Luis de Vasconcelos e Sousa (1779/1790) e posteriormente por D. José Luis de Castro, Conde de Resende (1790/1801), que fez executar o Acórdão da Alçada – condenação à morte do Alferes Joaquim José da Silva Xavier e o degredo dos demais sentenciados.

**Algo Pitoresco** – Conversávamos casualmente com o sr. Mário Luiz Ribeiro (“Mário do Zé Quiquil”), 82 anos, grande conhecedor da história regional, residente na zona rural (Ouro Fino) quando o assunto recaiu sobre a Inconfidência Mineira. O sr. Mário saiu-se com esta: Silvério dos Reis passando por aqui, candonou o Tiradentes junto aos portugueses... (Candongar, segundo o Dicionário Aurélio, é fazer intrigas, mexericar) Informou ainda o sr. Mário que Tiradentes em suas artes de dentista, utilizava-se de uma aparelhagem denominada “tábua” para sustentar queixo e arcada dos pacientes durante os procedimentos (em especial extrações). Registro feito.

**Inconfidentes mais jovens** – Alguns inconfidentes eram bem jovens, a saber: I- José de Rezende Costa, Filho, estudante, nascido em 1765; II – Claro Jose da Mota e Toledo, natural de Taubaté (SP), nascido provavelmente em 1764; III – Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, medico cirurgião, nascido em 1762; IV – Domingos Vidal de Barbosa Lage, médico, nascido em 1761; V – José Álvares Maciel, engenheiro químico, nascido em 1760; VI – Pe. Manuel Rodrigues da Costa, nascido em 1754.

- **O “Suicídio” de Cláudio Manuel da Costa** – A morte do inconfidente Cláudio Manuel da Costa (Mariana, 05/06/1729-Vila Rica, 04/07/1789) ainda hoje é eivada de interrogações. Suicídio, segundo a versão oficial. “Queima de arquivo”, segundo outras fontes, pois há insinuações de que o próprio Visconde de Barbacena estaria envolvido com a sedição. O historiador Márcio José da Cunha Jardim em sua “A Inconfidência Mineira: uma síntese factual”, Bibl. do Exército, 1989, trata desse po-

lêmico, intrigante tema. Se o Estado, até hoje, prende, tortura mata inocentes, desaparece com os corpos (vejamos os rumorosos, vergonhosos casos “Wladimir Herzog” e “desaparecidos” durante o regime militar; o do “pedreiro Amarildo” recentemente no Rio e tantos outros que os jornais estampam a toda hora), tachando as vítimas de “subversivas”, “marginais”, como afirmar que o mesmo não ocorreria naqueles tenebrosos tempos?! Quem, em sã consciência, pode avaliar ou assinar embaixo de uma declaração oficial, por mais “respeitável” a autoridade declarante, ocupante dos mais altos cargos ou que assina?

- **Sacerdotes envolvidos no Movimento sedicioso** - Cinco sacerdotes (conspiradores eclesiais) permaneceram confinados na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras; após o processo no Rio de Janeiro; condenados ao degredo, foram conduzidos para a capital portuguesa, Lisboa, onde chegaram em 31/08/1789. Ali permaneceriam presos por 4 anos na Fortaleza de São João da Barra (período em que faleceu o Pe. José Lopes de Oliveira); os quatro restantes foram transferidos para conventos lisboetas, por determinação do Príncipe Regente D. João VI, pois sua mãe D. Maria I achava-se já inteiramente demente. Nos conventos, viriam eles a serem nefastamente maltratados pelos religiosos que os presidiam. “Tiveram a infelicidade de encontrar naquelas casas religiosas, homens perversos, revestidos de vestimentas que inculcavam piedade”, no dizer do Pe. Manuel Rodrigues da Costa, um dos inconfidentes prisioneiros.

Curiosamente, dois outros sacerdotes, Pe. Francisco Vidal de Barbosa Lage e Pe. José Maria Fajardo de Assis, foram inicialmente denunciados, prestando depoimentos, sendo, todavia, esquecidos pelas autoridades coloniais.

Ao final de dez anos, foi libertado o Pe. Manuel Rodrigues da Costa e posteriormente, dois anos após, o Pe. José da Silva e Oliveira Rolim e ainda o Cônego Luis Vieira da Silva. O Pe. Carlos Toledo viria a falecer na clausura (1803).

Dois deles, como vimos, faleceram em Portugal: a) Pe. José Lopes de Oliveira na prisão da Fortaleza de S. João da Barra em 1796, aos 56 anos. Pe. José Lopes era irmão de outro inconfidente, o Cap. Francisco Antonio de Oliveira Lopes; b) o Pe. Carlos Correia de Toledo Melo na clausura do Convento de São Francisco da Cidade, em 1803, aos 70 anos.

Os três restantes retornaram ao Brasil, a saber: a) Pe. José da Silva e Oliveira Rolim em 1803. Faleceu em 21/09/1835, aos 88 anos, no Arraial do Tejuco (Diamantina) sendo sepultado na Igreja do Carmo; b) Pe. Manuel Rodrigues da Costa em 1802. Faleceu em Barbacena, onde tinha propriedades, em 19/01/1844, aos 89 anos. Sepultado no adro da Igreja Matriz de Barbacena, mas seus restos mortais se perderam, quando da reforma da Igreja. Pe. Manuel Rodrigues era natural de Conceição de Ibitipoca onde nasceu em 02/07/1754. c) Cônego Luis Vieira da Silva em 1805, já com 70 anos. Permaneceu 10 anos preso, sendo 4 anos no Forte de São Julião da Barra e 6 anos na clausura do Convento de S. Francisco da Cidade, em Lisboa. Pouco ou praticamente nada se sabe sobre os seus últimos anos de vida. Teria falecido em Angra dos Reis, RJ, em 1809. Há quem afirme que teria falecido em Ouro Branco, MG.

- **O inconfidente José de Rezende Costa, Pai** – Fazendeiro na Lage (Resende Costa) e Comandante do Regimento de Cavalaria Auxiliar de São José Del-Rei, com jurisdição sobre a Lage (Resende Costa) e Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), tendo sobre o seu comando, cerca de cem soldados. Homem de muitos bens, pelo que se deduz dos Autos de Execução realizados contra ele pela Coroa: terras, gado, escravos, cartas de crédito e débito, datas minerais (direitos de concessão de lavras) etc. Filho de João de Rezende Costa (1) e Helena Maria de Jesus. Nascido em 1730, batizado em Lagoa Dourada. Envolvido com o movimento inconfidente, juntamente com seu filho do mesmo nome, foi preso, julgado, desterrado. No exílio, na Ilha de São Tiago, Arquipélago de Cabo Verde (África), foi provido em 1784 para as funções de contador, inquiridor e distribuidor, vindo a falecer em 1798, aos 68 anos. Para ali também foram degredados o Dr. Domingos Vidal de Barbosa Lage (1761-1793) (2), o Cap. João Dias da Mota (1743-1793) e José de Rezende Costa (Filho) (3). Seus restos mortais acham-se hoje no



Panteão dos Inconfidentes, Museu da Inconfidência em Ouro Preto, para ali trasladados em 21/04/2011. Único inconfidente que, graças à tecnologia, teve a face reconstituída por imagem computadorizada e o rosto visível em trabalho de cientistas da UNICAMP.

José de Rezende Costa, pai, era casado com Ana Alves Preto, tendo os filhos José de Rezende Costa (também inconfidente, abordado na presente matéria) e Francisca Cândida de Rezende (+ 14/06/1845), casada com Gervásio Pereira Alvim.

- 1. João de Rezende Costa** era português da Ilha de Santa Maria, nos Açores; faleceu em 08/03/1758. Casado com Helena Maria de Jesus, uma das “Três Ilhoas”.
- 2. Domingos Vidal de Barbosa Lage** nasceu na Freguesia de N. Senhora da Conceição do Mato (hoje Chapéu D’Uvas, distrito de Juiz de Fora) em 1761, filho do espanhol Antonio Vidal de Barbosa Lage (natural de Monterey, Galicia, onde nasceu em 1705) e da mineira Tereza Maria de Jesus. Seu pai, homem rico e de origem nobre, emigrou para o Brasil em 1730, adquirindo em 1738 a Fazenda “Juiz de Fora”, propriedade de Maria Angélica de Sá, filha do juiz Luis Fortes Bustamante Sá. Domingos Vidal de Barbosa Lage era médico formado pela Escola de Bordeau (França) em 1788. Amigo de José de Rezende Costa, filho, e segundo se diz, concorrentes pelo amor da jovem Maria Angélica. Barbosa Lage foi o 1º a denunciar o amigo Rezende Costa Fº ao Visconde de Barbacena, em carta datada de 09/07/1789. Degredado para a Ilha de São Tiago (Cabo Verde), aí faleceu em inícios de agosto de 1793, oito meses ali chegado, de “febres tropicais”.
- 3. José de Rezende Costa, Filho** – Deportado igualmente para o Arquipélago de Cabo Verde, aí permaneceria por dez anos, exercendo inúmeras funções e atividades administrativas. Consegue retornar a Portugal em 1803, graças o apoio de seu amigo Manuel Jacinto Nogueira da Gama. Em Lisboa exerceu altas funções no Erário Real. Em 1809, retorna ao Brasil, a chamado do Príncipe Regente, a fim de comandar a política de diamantes do Império, cargo que exerceu brilhantemente até 1827.

Deixou inúmeras obras, dentre elas “Memória histórica sobre os diamantes” (1836). Foi deputado por Minas Gerais junto à Corte de Lisboa (1821) e após a proclamação da Independência, foi eleito deputado, também por Minas Gerais, à Assembleia Constituinte Brasileira (1823), deputado à Legislatura Ordinária (1826 a 1829). Membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839). Faleceu em 17/06/1841, sendo sepultado na Igreja de São Francisco de Paula, no atual Largo de São Francisco no Rio de Janeiro, recebendo então grandes homenagens públicas. José de Rezende Costa, filho, seria o único inconfidente civil a retornar ao Brasil.

ILUSTRAÇÃO DA INTERNET/DIVULGAÇÃO



Esquartejamento de Tiradentes

#### • Inconfidentes desterrados para a África

Foram 34 o total de inconfidentes incriminados e desterrados, sendo 29 civis/militares e 5 eclesiásticos. A única exceção foi a de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, enforcado em 21/04/1892. Apenas 4 deles, retornariam ao Brasil, sendo 3 religiosos e 1 civil. Os demais faleceram no exílio. Esclareça-se que, no início do processo, achavam-se envolvidos 84 suspeitos de envolvimento com a sublevação, sendo 15 militares, 62 civis e 7 eclesiásticos, sendo ao final, 35 os punidos. José Álvares Maciel (1760-1804) talvez o mais instruído dos inconfidentes, com formação especial em química e mecânica, pouco viveu em Angola. Inácio Alvarenga Peixoto faleceu em 27/08/1792, poucos dias após chegar a Angola, vítima de febre maligna. Tomás Antonio Gonzaga (11/08/1744-16/02/1810), embora contraísse matrimônio, com rica senhora, em Moçambique, viria a enlouquecer. Cap. Antonio de Oliveira Lopes (1726-1794) falecido em Mossuril, Moçambique. Domingos de Abreu Vieira (1724-09/10/1792 ? ou 27/08?) falecido apenas 34 dias após sua chegada em Muxima, Angola. Domingos Vieira era outro inconfidente com elevadas dívidas junto à Fazenda Colonial, oriundas de contratos de entradas (financiamentos para empreendimentos comerciais, de produção etc.). Cap. Francisco Antonio de Oliveira Lopes (23/11/1749-1800) falecido em Bié, Angola; Cel. Francisco de Paula Freire de Andrada (1756-1808) falecido em Pedra de Ancoche. Era ele filho natural do 2º Conde de Bobadela, José Antonio Freire de Andrada, que foi governador da Capitania de Minas de 1751 a 1758; José Aires Gomes (1734-1796) e Salvador Carvalho de Amaral Gurgel, falecidos em Inhambane, Moçambique; Sargento Mor Luiz Vaz de Toledo Piza (1739-1803 ou 1808) falecido em Cambambe, Angola; Vicente Vieira da Mota (1735-1798) falecido em Rio de Sena, Moçambique; João da Costa Rodrigues (1748- ?) falecido em Mossuril, Moçambique; Vitoriano Gonçalves Veloso (1738-1803), alfaiate, escravo forro, natural do Bichinho, Prados, o único inconfidente negro, falecido em Mossuril, Moçambique.

Domingos Vidal de Barbosa Lage e João Dias da Mota cumpriram degredo em Cabo Verde, falecendo ambos pouco depois de chegarem àquele arquipélago. Seus restos mortais, bem como o de José de Rezende Costa, pai (1732- 1798), foram localizados e exumados em 1932. A descoberta dos seus restos somente se tornou possível, graças a uma indígena local, de nome Micaela, à época com 80 anos, informara que seus antepassados falavam de uns brasileiros para ali exilados, em tempos idos e que teriam sido enterrados na Igreja de N. Senhora da Natividade, em Cachéu, Guiné Bissau.

#### • Itinerário dos dois José de Rezende Costa –P/F

Os dois JRC/PF foram presos em 16/05/1791 no Arraial da Lage (Resende Costa) e daí levados para São João del Rei. Dia 27/05/1791 são conduzidos ao Rio de Janeiro, onde chegam dia 13/06, sendo recolhidos à Cadeia da Relação. Passam, ao longo do doloroso processo, por inquirições, acareações. Tais quais outros sediciosos, são, inicialmente, condenados à morte. Em 20/04/1792, comutada a pena de morte (à exceção de Tiradentes) foram finalmente sentenciados ao degredo. Dia 24/06, seguem para Lisboa, a caminho do exílio, a bordo da fragata “Golfinho”, aí aportando em 24/09. Juntamente com outros degredados, dentre eles o Dr. Domingos Vidal de Barbosa e João Dias da Mota, chegam à Ilha de São Tiago de Cabo Verde, em janeiro de 1793, onde foram muito bem acolhidos pelo governador do Arquipélago Francisco José Teixeira Carneiro e pelo seu secretário de governo o naturalista carioca João da Silva Feijó. Uma epidemia local provocaria a morte de Domingos Vida de Barbosa Lage em agosto e de João Dias da Mota em setembro do mesmo ano (1793).

#### • Tempos de Suborno e Corrupção

Alguns conjurados conseguiram escapar às garras e à sanha dos juízes da Coroa, ao que tudo indica, mediante suborno e corrupção. Dessa forma, safaram-se das penas: José de Sá Bittencourt e Accioli; Inácio Correia Pamplona; Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos; João Rodrigues de Macedo, Joaquim Silvério dos Reis.

João Rodrigues de Macedo, banqueiro, homem mais rico da Capitania de Vila Rica, era também o mais endividado. Conseguiu escapar das autoridades como envolvido na Conjuração. Tornar-se-ia sócio de Bárbara Heliodora, após o desterro de seu marido Alvarenga Peixoto. Somente em 1797, seus bens seriam confiscados por dívidas junto à Coroa. Faleceu em São Gonçalo do Sapucaí em 08/10/1807, aos 67 anos.

Sobre Alvarenga Peixoto, registrem-se as informações de que tinha (e deixou) fama de “gastador”, “dissipador”, “caloteiro”, envolvido em processos de usurpação de terras. Sugerimos, a esse respeito, a leitura de “A Hidra de Sete Bocas”, do historiador resendecostense Francisco Eduardo Pinto, Ed. UFSJ, 2014.

## A FIGURA DE TIRADENTES

À medida que se lê sobre a Inconfidência, penetra-se os Autos da Devassa, mais se sobreleva, se agiganta a figura de Tiradentes. Foi ele o primeiro a falar aberta e denodadamente nas ideias de independência do País, mediante a proclamação de uma república nos moldes dos americanos do Norte (1776). Altiivo, autêntico revolucionário popular, evado de profundos sentimentos de liberdade e nacionalidade, tanto assim que Diogo de Vasconcelos o enaltece sobremaneira, sobrepondo-o à fraqueza de outros companheiros de sedição.

*“Tiradentes, pela sua atuação durante a Devassa, pelo seu anseio de liberdade que arruinou toda a sua vida, pelo seu martírio, pelo sangue derramado pela Pátria, pelo estoicismo que o colocou num plano diferente de todos os demais inconfidentes, merece realmente tenha sua memória cercada pela auréola de glória e engrandecido permanentemente por todos os brasileiros” (in “História Média de Minas Gerais”, Ed. Itatiaia, 1974, pág. 170/171).*

*Tiradentes portar-se-ia com coragem, dignidade resignada – homem do povo que se sobrepunha à fina flor de intelectuais mineiros, estes com suas fraquezas, delações, traído por vários deles – e mais ainda acima de seus julgadores, sabujos da corte. “Tiradentes, à luz de documentos incontestáveis, pode e deve ser incorporado à galeria dos maiores homens nacionais e até mesmo dos mártires universais da ideia de liberdade. Merece – avanço mais – pela grandeza de seu destino, incounter-se na História e subir à lenda...” reforça e faz coro o historiador Wellington Brandão (“Caminhos de Minas – Causas e Vultos”, Ed. Oscar Nicolai, 1958, pág. 136).*

*A imponente, indelével figura de Tiradentes surge frequentemente na retórica de nossos políticos, como nessa peroração de João Pinheiro: “Era militar o primeiro mártir da República brasileira e cabe-vos a honra de pisardes o mesmo chão, olhando as altivas montanhas de Minas Gerais, que foram o berço da nobre revolta, que se devia iniciar ao grito heroico do legendário patriota de vencer ou morrer” (Francisco de Assis Barbosa e Leonardo Leite Neto “Ideias políticas de João Pinheiro”, Brasília, Senado Federal, 1980, pág. 117).*

Por tantos méritos, é que pela Lei nº 4897, de 09/12/1965, Tiradentes foi declarado “Patrono Cívico da Nação Brasileira”.

Sabe-se que Tiradentes alistou-se em 01/12/1775 na 6ª Companhia de Dragões, atingindo o posto de alferes (hoje correspondente a 2º Tenente). Foi comandante da patrulha do Caminho Novo e Estrada Real que ligava Minas ao Rio de Janeiro. Nasceu na Fazenda do Pombal, próxima à Vila de São João Del Rei, hoje pertencente ao município de Ritópolis (MG), filho de Domingos da Silva Xavier e Antonia da Encarnação Xavier, sendo batizado em 12/11/1746. Ingressou na carreira militar, alistando-se em 01/12/1775 na 6ª Companhia de Dragões da Capitania de Minas Gerais.

Não se casou, mas teve várias amantes (há vários livros, teses, filmes etc. a este respeito), deixando, ao que se sabe ou se especula, até o momento, dois filhos: I - João, fruto de romance com Eugênia Joaquina da Silva, que, após a morte do alferes

- para fugir às perseguições advindas do decreto de D. Maria I que declarava infame o réu Tiradentes, seus filhos e netos – ajudada por aliados do mártir, fugiu com o garoto, homiziando-se em Quartel Geral, cidade hoje a 100 km de Bom Despacho. Lá um amigo do alferes, Luiz de Almeida Beltrão, assumiu a paternidade do menino, de forma a evitar vestígios “legais” de sua ascendência e represálias pelas autoridades coloniais. Alguns dos descendentes foram reconhecidos oficialmente, já em 5ª geração, premiados com pensão pelo Governo Federal.

II - Joaquina, fruto de relacionamento do mártir com Antonia Maria do Espírito Santo, sendo a menina batizada na Igreja Matriz de Vila Rica em 31/08/1786.

O historiador Eduardo Bueno, em sua obra “Brasil, uma história” faz referência a outra amante de Tiradentes, aí pelo ano de 1787, de nome Perpétua Mineira, proprietária de uma “sala de pasto” (que chamaríamos hoje de restaurante de cozinha típica mineira) no Rio de Janeiro, local frequentado pelo líder inconfidente.

### ESPECULAÇÕES SOBRE A MORTE DE TIRADENTES

Muitas lendas e especulações – ou verdades?! – cercam a figura de Tiradentes. Uma delas, assunto que circula largamente até os dias atuais, é de que Tiradentes não morreu enforcado em 21 de abril de 1792. O jornal “Folha de São Paulo” publicou em sua edição de 21/04/1998, um artigo do conceituado historiador carioca Marcos Antonio Correa, levantando poeira sobre o assunto.

O historiador afirma que começou a suspeitar disso, quando ele teve acesso a uma lista de presença da Assembleia Nacional Francesa de 1793, na qual constava a assinatura de (um tal) Joaquim José da Silva Xavier, que, após estudos grafotécnicos, comprovou-se ser a assinatura de Tiradentes. Segundo Correa, um ladrão condenado na mesma época, morreria no lugar de Tiradentes.

Testemunhas da morte de Tiradentes disseram-se surpresas, pois o condenado, levado à forca, aparentava ter menos de 45 anos. Segundo Correa, Tiradentes teria sido salvo pela maçonaria, da qual seria membro ou simpatizante, sendo que um dos juizes da Devassa, o escritor Cruz e Silva era maçom e amigo de vários inconfidentes. Tiradentes embarcaria incógnito para a Europa em agosto de 1792, com identidade falsa. Sabe-se que Martim Francisco, irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da Independência, dissera, por vezes, que Tiradentes não fora enforcado e sim outra pessoa e que, após o esquartejamento do cadáver, desapareceram proposadamente com a cabeça, para que não se pudesse identificar o corpo.

Aliás, sobre o destino da cabeça de Tiradentes, há as mais mirabolantes, fantasiosas histórias: de que, após colocada no alto de um poste no centro de Vila Rica, fora roubada e sepultada por padres e pessoas piedosas do lugar. Ainda hoje há menções a lugares em Ouro Preto onde teria sido escondida a cabeça (e pessoas que a procuram!); que teria sido enterrada com o ouro dos inconfidentes; que fora roubada e enterrada em Quartel Geral etc.

Outros, dentre tantas lendas, afirmam que Tiradentes teria escapado da forca, mudando de identidade e se ocultado no Paraná, onde dera origem à família Brum.

A vida de Tiradentes é, enfim, muito romanceada, sem dúvida fascinante, alvo de infindas especulações pessoais e históricas.

### O cap. Dias Coelho e a captura de Inconfidentes

Coube ao Cap. Antonio José Dias Coelho a missão e glória, perante as autoridades coloniais, de cumprir normas de prisão contra vários inconfidentes, dentre eles o Pe. Rolim, que resistiu, durante meses, nos sertões de Diamantina e Serro.

O Cap. Dias Coelho, figura sombria da repressão colonial, ao cumprir ordens de prisão de Alvarenga Peixoto, invadiu-lhe a casa, pilhando-a, além de violentar Maria da Silveira Bueno, a irmã mais nova de Bárbara Heliodora. Fruto do ignominioso ato foi Antonio Francisco Coelho, futuro Barão da Ponta do Morro que viria a ser adotado pelo casal inconfidente Cap. Francisco Antonio de Oliveira Lopes e sua esposa Dª Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, proprietários das Fazendas da Lage (Resende Costa) e “Ponta do Morro” (Tiradentes), além de imóveis em Prados.

### O Inconfidente que escapou às garras das autoridades coloniais

Um único inconfidente, ao que se sabe, conseguiu escapar às garras e ao cerco dos implacáveis perseguidores coloniais, sem se utilizar das moedas da corrupção ou delação. Foi ele o jovem Claro José da Mota e Toledo, sobrinho dos inconfidentes Pe. Carlos Toledo e Sargento Mor Luiz Vaz de Toledo Pisa. Solteiro, era natural de Taubaté (SP), nascido provavelmente em 1764, viajado, conhecia grande parte da região (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro), sendo companhia frequente nas viagens de seu tio Pe. Toledo. Era ele o elo de ligação entre essas três províncias. Por mais procurado pelas autoridades, inclusive com ordens expressas dos Vice-Reis Luis de Vasconcelos e Sousa e de seu sucessor o Conde de Resende, jamais conseguiu ser localizado, fugindo a todas as tentativas de sua prisão. Persiste, até os dias atuais, o enigma sobre onde teria se escondido o jovem inconfidente.

**O Lema da Bandeira** - O lema da bandeira inconfidente “Libertas quae sera tamen”, hoje componente da Bandeira do Estado de Minas Gerais, foi extraído, diz-se, por sugestão de Alvarenga Peixoto, das “Bucólicas”, égloga I, do poeta romano Virgílio, convencional e semanticamente traduzido por “Liberdade ainda que tardia”. Os latinistas apontam inadequações sintáticas e contextuais na tradução, mas isso é outra história. Assunto para doutos...

Arrematando: Tamanho o fascínio do tema “Inconfidência” e seu cipoal de intrigas, denúncias, sonhos, acusações mútuas, delações, traições, espartezas, amarguras, chantagens, ódios acumulados, abusos cometidos pelas autoridades, subornos, muitos já levantados pela história, tantos outros levados ao túmulo, que, decerto, levar-se-ão, quicá, séculos a serem esclarecidos, decantados...





# AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO

Causou grande choque – conforme amplamente divulgado pela mídia - a péssima classificação do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de alunos. Entre 64 países avaliados, ficamos no 58º lugar, comprovando o baixíssimo nível de aprendizado de nossos estudantes.

De acordo com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico-OCDE, o Brasil é o 2º país com a pior qualidade na educação de jovens. No universo de estudo, de um total de 15,1 milhões de estudantes com 15 anos, cerca de 13 milhões deles não tem capacidade elementar para compreender o que leem, nem dispõem de conhecimentos essenciais de matemática e ciências. Sinal de que lhes é songado o conhecimento ou não assimilam conteúdos ou talvez, o pior – os conteúdos e metodologias apresentados são inadequados.

Estudiosos apresentam, há décadas, as causas (que são muitas) da má qualidade de nosso sistema educacional, o nosso atraso quando comparado às demais nações desenvolvidas do mundo. A excessiva e às vezes inaceitável interferência do Estado, que tudo rege, tudo impõe! Formação, remuneração pouco condigna, planos ineficientes de carreira para profissionais da educação. Currículos desajustados; livros didáticos com discutível qualidade, atualidade.

Ainda segundo a OCDE, o Brasil tem os menores salários iniciais dos países latino-americanos para todos os níveis educacionais (desde a pré-escola até o ensino médio) Enquanto o Brasil destina 73% de despesas correntes, a título de remuneração de pessoal docente (ensino fundamental + ensino médio), nos demais países pesquisados pela OCDE, o índice médio é de 79%. Já para os profissionais da pré-escola, a diferença no Brasil é elevada, senão vergonhosa. Nossos professores recebem, em média, a metade do que ganham os seus colegas entre os países da OCDE (Fonte: Revista Educacional nº 129, Fevereiro 2016)

Poder público e sociedade não valorizam a educação e a cultura. Somos o País do “jeitinho”, das mordomias e sinecuras oficiais, da burocracia, do parasitismo das cortes. Daí sermos humilhados, marginalizados no mundo contemporâneo, ficarmos na rabeira do mundo em termos de ensino. Especialistas tem alertado, ademais, dentre tantas e tamanhas deficiências, falhas gritantes em nossos conteúdos programáticos, como a precariedade do ensino de gramática e ortografia, hoje relegado/circunscrito praticamente às três séries iniciais (até aí o estudo de letras, sílabas, tonicidade das palavras). Depois disso, pouco ou quase nada. A não parametrização e maiores exigências quanto à leitura e escrita (desenvolvimento linguístico). Não é de se admirar, pois, milhares de estudantes que tiram nota zero em redações do ENEM e milhões que, na prática, não sabem ler de forma consistente, compreender e contextualizar o conteúdo lido.

Outra falha gritante é o estudo da história, precaríssimo, pouco aborda o mundo antigo, que é a base da nossa cultura e civilização. Temas como a Revolução Francesa foram relegados a 2º plano. De igual forma, o ensino da história nacional, pouco aprofundada, que sofre pesada interferência estatal e de grupos dominantes. Temos e devemos conhecer o nosso passado, nossos valores ancestrais, conflitos e desafios, despirmo-nos de preconceitos, quebrarmos paradigmas e estigmas, sem tutela, quer pelo Estado, quer por grupos sociais elitistas ou metidos a intelectuais. E assim nos mobilizar, com maturidade, sem retrocessos, restabelecendo-se nossa dignidade, nossos direitos tão ultrajados pelo Estado e segmentos econômicos, tendo todos eles graves dívidas para com o nosso povo. O Governo alardeia, para tanto, a constituição de uma Base Nacional Comum Curricular,



com consultas e audiências, sem, contudo, melhores expectativas por parte de profissionais do setor e sociedade. Talvez, mais uma maquiagem oficial...

## PARECER DE ESPECIALISTAS

Segundo pedagogos e especialistas da educação, os currículos e mesmo graus de ensino necessitam de ajustes, articulação. Nas 1ªs séries do 1º Grau, o profissional polivalente é voltado ao aprendiz, suas dificuldades, o desenvolvimento da criança, ao passo que nas séries finais (a partir da 6ª), os docentes – que são especializados – organizam-se/identificam-se por disciplina(s) e não pelo conhecimento globalizado.

A integração e transposição do 1º para o 2º Graus (Ensino Médio) é sofrível, por tratar-se do momento ou da necessidade do aluno desenvolver sua autonomia intelectual e aprimorar o seu pensamento crítico. Não se busca ou não se consegue a explicitação do conhecimento e a respectiva progressão, ritmo, assimilação básica de cada disciplina.

O Estado, leia-se MEC e Secretarias de Educação, por outro lado, impõem sua percepção política, indutora, limitadora, normatizadora, portanto míope, não discutindo seriamente com a sociedade – pais, escolas, instituições sociais em geral – a concepção da educação que esta deseja, sabendo-se da diversidade cultural e ecletismo próprios do País.

Excesso de conteúdos e disciplinas, currículos desarticulados, mecanismos de exclusão de docentes e educandos como atores na elaboração curricular e programática, sistemas de avaliação incongruentes são, todos eles em si, fatores desestimulantes.

# A REVOLUÇÃO DE 1842

Fruto de acirradas desavenças, turbulências e fundas discórdias entre liberais e conservadores, à época os dois principais partidos políticos do Brasil Monárquico, eclodiu em 1842, a denominada “Revolução Liberal” trazendo sangue, cisão, luto à família brasileira, com mais proeminência e incidência nas províncias de São Paulo e Minas Gerais<sup>(1)</sup>.

Iniciada em Sorocaba(SP), a sublevação expandiu-se rapidamente para Minas, tendo seu núcleo, entre nós, na cidade de Barbacena. Pessoas da mais alta representatividade e projeção social figuravam entre seus membros, dentre eles José Feliciano Pinto Coelho (futuro Barão de Cocais), o cônego José Antonio Marinho, Teófilo Otoni etc. Opunham-se eles em Minas ao governo legal de Bernardo Jacinto da Veiga. As ideias, pela boca de exaltados revolucionários, se propagaram como faíscas, a golpes de fogo sobre um campo em combustão. “Foi uma decisão sôfrega, precipitada” afirmaria depois o Cônego Marinho, um dos mais entusiastas sublevadores em toda a nossa região<sup>(2)</sup>.

O País vivia, então, uma fase de transição, sob o sistema de Regência ante a menoridade de D. Pedro II até o golpe da Maioridade, ocorrendo conflitos e beligerâncias entre partidos e grupos políticos que se rivalizam no poder.

**Confrontos em nossa região** - As forças rebeldes, cerca de 600 homens partindo de Barbacena<sup>(3)</sup> em 04/06/1842, à frente o líder José Feliciano Pinto Coelho, entraram em São João Del-Rei no dia 17 de Junho. Foi deposta a Câmara e já em 22 de Junho – com tropas engrossadas por combatentes provindos de cidades aderentes à revolução ou então aliados, por todos os meios, principalmente sob coação – partiram, deixando, na cidade, cerca de 500 homens municados. Movimentavam-se pela região buscando a adesão das câmaras municipais e ocupando cidades pela força.

Dentre os maiores e tantos outros pregoeiros da Revolução, em nossa região, cita-se o tribuno Cesário Augusto da Gama que conseqüiu sublevar a vizinha cidade de Oliveira, depondo-se ali as autoridades constituídas e empossando-se uma nova câmara pro-revolucionária.

As tropas rebeldes – reforçadas por combatentes de toda sorte: oficiais da guarda nacional, populares, até religiosos, armados de foices, relunas, bacamartes, machados – comandados por José Jorge da Silva, vulgo “Bacharel”<sup>(4)</sup>, após atravessarem a região, ocuparam toda a cidade de Oliveira em 30/06. Partindo de Oliveira, o objetivo dos rebeldes era dominar Itapeverica, dali Formiga, Pium-i e Araxá, vilas que tinham permanecido leais ao governo provincial.

Ao marcharem em 10/07 sobre Tamanduá (Itapeverica), as forças

rebeldes, cerca de 500 homens, foram derrotadas na “batalha do Caju”, nas proximidades daquela vila. Os combatentes legalistas, com base em Tamanduá, sob o comando do experiente Alferes de Cavalaria Ladislau Ferreira de Oliveira e de seu irmão Narciso Ferreira, tinham-se espalhado hábil e estrategicamente pelas encostas e matas, surpreendendo os atacantes. Houve inúmeros mortos e dezenas de feridos, de ambos os lados, além de muitas perdas de cavalos, armamentos e equipamentos de campanha.

Os rebeldes derrotados se dispersaram. Gradualmente, as hostes legalistas recuperaram o terreno. A 22 de Julho, uma coluna legal, com cerca de 150 homens, vinda de Itapeverica, sob o comando do Ten. Cel. Antonio Ferreira entrou em Oliveira, reintegrando-a ao poder legal e restabelecendo a ordem local. Quanto a São João Del Rei, já em 01/08, tropas legalistas, sob o comando do Cel. José Joaquim de Lima e Silva, retomaram a cidade. Uma coluna rebelde que saíra de Barbacena, sob o comando do Cel. Francisco José de Alvarenga, ao marchar sobre Ouro Preto, viu-se derrotada por Caxias.

Sabe-se por registros históricos ou orais que nossa região dividiu-se quanto ao apoio à sublevação. Cidades como Claudio, Bom Sucesso, Lavras, Carmópolis, Perdões aderiram aos rebeldes, muitas vezes por coação e constrição; já Passa Tempo e Carmo da Mata permaneceram fieis ao governo constituído.

Um a um, os redutos revolucionários, em toda as áreas conflagradas da Província mineira, ante a enérgica ação das forças legalistas, sob o comando geral do Barão de Caxias, foram caindo. O combate final se deu em Santa Luzia, ocorrendo ainda a prisão dos principais cabeças do estuado movimento, dentre eles Teófilo Otoni.

Na Província de São Paulo, as tropas legalistas, com apoio de forças paranaenses, ocupariam Taubaté em 12/07/1842, pondo fim ao movimento naquele território. Após a derrota dos liberais (que viriam a ser anistiados), o Império passou a conceder títulos nobiliárquicos – às dúzias e às glosas – aos conservadores ou vira casacas (latifundiários, militares, grandes negociantes etc.). Qualquer semelhança com o Brasil de nossos dias NÃO é nenhuma coincidência... (vide concessões, no passado e ainda hoje, de centenas de canais de rádio e televisão pelo governo, os “achacadores”, oportunistas e chantagistas de plantão, cargos a toda hora loteados e entregues a cupinchas, parasitas e correligionários políticos em troca de apoio, os beneficiados com medidas provisórias, os ocupantes de cargos favorecidos com “vantagens indevidas” etc.).

## NOTAS

**1- As causas que levaram à eclosão da “Revolução Liberal de 1842” ainda hoje são motivo de avaliação entre pesquisadores. Há um consenso de que se tratou de um movimento armado - realizado, de forma precipitada, pelas elites paulistas e mineiras - não só por razões políticas, mas igualmente econômicas. Duas dessas razões parecem sobressair: a) Uma série de leis tidas como “centralizadoras” e “opressoras” implantadas pelo Ministro da Justiça Paulino José Soares de Souza, Visconde de Uruguai, do Partido Conservador então no Poder, (já proclamada a maioria de D. Pedro II, em 1840) e que retiravam poderes ou mesmo a dissolução das Assembleias Provinciais, descontentando os liberais. Uma representação com pedido de revogação das mencionadas leis foi encaminhada ao Imperador pela Assembleia de São Paulo em Janeiro de 1842, mas não foi atendida. A resposta do Governo Imperial foi enviar navios de guerra para as costas de São Paulo, acirrando-se ainda mais os ânimos. Eclodiu e não a revolta sob a chefia de Rafael Tobias de Aguiar, aclamado presidente da Província, tendo como núcleo a cidade de Sorocaba. Os liberais propugnavam uma monarquia constitucional federalista, com maior autonomia política e econômica para as províncias. Já para os conservadores, então no poder, os liberais tinham pretensas ligações com os farroupilhas gaúchos, republicanos e inimigos do Império; b) Aspectos econômicos também acham-se implícitos no movimento, com divergências de interesses entre conservadores e liberais. Sorocaba era um grande centro comercial, onde se entrecruzavam vastos negócios (comércio de gado, mares, açúcar etc.), com ligações estratégicas por todo o País. A maioria dos “cabeças” da Revolução Liberal paulista eram financistas, homens de negócios (Pe. Feijó e Paula Souza eram usineiros de açúcar; Tobias de Aguiar, Vergueiro e Silva Machado eram grande criadores e negociantes de gado), que se sentiram prejudicados e perseguidos quando o Governo Imperial proibiu o comércio entre São Paulo e o Rio Grande do Sul. Havia, outrossim, grande descontentamento entre os paulistas quanto ao governo dos conservadores (que eram escravagistas, grandes comerciantes, cafeicultores, de índole oligárquica, absolutista, apelidados pelos liberais como “hidras de sete cabeças”) Havia ainda resistências ao então presidente da Província, José da Costa Carvalho, nascido na Bahia e considerado, pelos paulistas provincianos, um “intruso”.**

*Sérgio Buarque de Holanda judiciosamente atesta e alerta que São Paulo sempre manteve uma política de questionamentos e resistências ao Poder Central, como no episódio das Cortes (1822), Revolução Liberal (1842) e que viria a reacender, senão explodir na Revolução Constitucionalista de 1932 (“História Geral da Civilização Brasileira”, S.Paulo, Difel, 1984, vol. II, págs. 528/529).*

**2- O Cônego José Antonio Marinho é uma das figuras mais contundentes da época e talvez da história nacional. Grande tribuno, polemista, um revolucionário das ideias, exaltado por vezes (nos moldes de Carlos Lacerda, no séc. XX), deixou o celebrado religioso marcas indelévels na área da política e da oratória E uma forte presença em toda a nossa região. “Em 1840 e em 1842 se publicaram aqui ‘O Americano’ e ‘O Despertador Mineiro’”. Está, então, em pleno vigor o ardoroso polemista Cônego José Antonio Marinho, de tamanha projeção na política da época” (Augusto Viagas, “Notícia de São João del Rei”, B. Horizonte, 1969, pág. 75).**

**“O Cônego José Antonio Marinho foi orador destacado, envolvido na Confederação do Equador (1824), depois deputado eleito em três mandatos provinciais e um dos líderes do movimento liberal de 1842, foi redator do jornal “Americano” de São João Del Rei. Foi ocultado na fazenda do Pe. Gonçalves Ferreira da Fonseca em São Gonçalo, onde escreveu a principal memória daquele movimento derrotado. Talvez o clérigo mais importante de Minas, nesse aspecto de ação na política” (pág.61) “E também Pe. José Antonio Marinho, já mencionado, do norte de Minas, foi vereador em São João Del Rei. Juiz de paz em Ouro Preto, além de deputado e colaborador com a imprensa liberal” (pág.63)**

*(Fonte: Dissertação acadêmica “Por fragilidade humana – constituição familiar do clero” – Edriana Nolasco – UFSJ/2014 – www.ufsj.edu.br/portal2\_repositorio/file...dissertacaoedriananolasco.pdf)*

**3- A cidade de Barbacena foi proclamada em 10/06/1842 a sede do governo da Província. Barbacena mantinha estreitas ligações com Sorocaba, pois ambas eram polos de produção agrícola e centros comerciais com tráfego e vendas de animais, cereais, minérios etc. distribuídos para várias partes do País. Barbacena, tal qual Sorocaba, tamanho o fluxo e passagem de tropas pela cidade, era conhecida como “sociedade de tropeiros”.**

**4- José Jorge da Silva Penna era mineiro de Santa Quitéria, onde nas-**



FOTO: VINICIUS MATA

ceu em 23/04/1810. Filho de Miguel José da Silva e Anna Filipa da Silva, ricos fazendeiros que o educaram, junto a vários outros irmãos, no Colégio Caraça. Matriculou-se em 1827 na Universidade de Coimbra, onde se sobressaiu com brilhantismo. Por razões pessoais, retornaria ao Brasil, vindo a concluir o curso de Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (SP) em 1833.



Túmulo de José Jorge da Silva - Bom Sucesso

Exerceu inúmeras funções públicas. Juiz de Direito em Paracatu e Lavras; jornalista conceituado; deputado provincial de 1835 a 1839; membro da Câmara Municipal de Lavras de 1845 a 1847; deputado à Assembleia Nacional (1861/1866). Faleceu em 05/02/1881, assistido por seu filho, o grande médico Dr. Augusto Silva, sendo sepultado em Bom Sucesso. Profundamente envolvido com a Revolução Liberal de 1842, tomou parte ativa nos campos das ideias e da luta armada. Tinha negócios e propriedades rurais nas freguesias de Lavras, Bom Sucesso e Ribeirão Vermelho. Outro de seus ilustres irmãos foi Quintiliano José da Silva (23/12/1802-25/08/1889), notável jurista, desembargador e presidente da Província de Minas entre 1845 a 1848.

José Jorge da Silva Penna era pai do Dr. Augusto José da Silva, conceituado médico de renome nacional, filantropo, dotado de extraordinários conhecimentos científicos e literários, republicano convicto, antiescravagista, adepto e profundo conhecedor do Espiritismo. A cidade de Lavras homenageia seu grande filho, cuja praça principal se chama Dr. Augusto Silva (ver box abaixo).

Uma curiosidade cênico-histórica: Na telenovela “Dona Beija, a feiticeira de Araxá”, da antiga TV Manchete, era ele (José Jorge da Silva, então o Juiz de Direito de Paracatu) que contracenava com D<sup>a</sup> Beija, dando cunho televisivo-histórico a um fato de sua pujante vida

**Dr. Augusto José da Silva** – médico vocacionado, homem dedicado à ciência, ao semelhante e à Pátria, um dos maiores benfeitores de nossa região, a quem prestou os mais relevantes serviços humanitários, culturais, sociais, espirituais. Homem de caráter nobre, magnânimo, vigoroso na fé, inteligência invulgar, de extraordinário fôlego, tenacidade e capacidade para o trabalho, uma liderança incontestável em todos os níveis: médico, político, religioso, deixando sua marca esculpida nos anais de toda a região. Nasceu em Lavras em 05/07/1845 e faleceu subitamente em 19/12/1905, vítima de angina pectoris. Coursou humanidades no Mosteiro de São Bento (RJ) doutorando-se pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1872. Teve os seus estudos custeados por um tio, o Cap. Silvestre Alves de Azevedo, a quem, após formado e com o suor de seus parcos honorários médicos, ressarciu posteriormente o seu benfeitor. Autor de obras de cunho abolicionista, médico e religioso. Foi médico em Belo Horizonte no início da construção da Capital mineira e ainda em Bom Sucesso, na década de 1870, aí casando-se com D<sup>a</sup> Belmira Cândida da Fonseca (+ 27/01/1885) da sociedade bonsucessense. O casal teve 6 filhos, um deles falecido em criança. Com o falecimento da esposa, os filhos todos menores, decidiu retornar a Lavras, onde os educou com a ajuda de uma irmã. Seus quatro filhos formaram-se em Engenharia, Medicina, Farmácia e Direito. Sua filha única casou-se com o Dr. Zoroastro Alvarenga, conceituado médico de Lavras. Dr. Augusto Silva casou-se em segundas núpcias com D<sup>a</sup> Maria Benícia da Silva, da sociedade lavrense.

Dr. Augusto Silva exerceu, além da medicina, inúmeras funções públicas. Foi provedor da Santa Casa de Misericórdia; vereador e chefe do Executivo municipal lavrense, ocasião em que doou todo o seu salário para a aquisição nos Estados Unidos de magnífico mobiliário e equipamentos para o Instituto Evangélico de Lavras. Espírito ardoroso, era respeitado e reconhecido por todos, sejam católicos, evangélicos ou indiferentes.

**Um fato** – Sobre o Dr. Augusto Silva contam-se inúmeros casos de despojamento, dentre eles este: recém formado, com consultório em Lavras, recebera ele da Municipalidade a incumbência de dar imediata assistência à população de Carmo da Cachoeira, vítima então de grave epidemia de varíola, que ceifava dezenas de moradores, a maioria por rebeldia e preconceitos contra vacina e cuidados médicos. Tamanho o pânico ali verificado, que corpos amontoavam-se nas casas e até nas ruas – e o jovem médico, Dr. Augusto, ajudado por dois amigos, se viu obrigado, à noite, sob fortes aguaceiros, a abrir covas e enterrar os varilhosos falecidos...

## Expressão “COISA DE BACHAREL”

Era de domínio comum, em tempos idos, a expressão “coisa de bacharel”, geralmente num sentido pejorativo – um mal feito, uma trapaça, maquinações, o famoso “passar o outro para trás”, ações ardilosas, oportunistas.

O termo “bacharel”, aplicado geralmente a profissionais do direito, por sua vez e para muitos, detinha um contexto dúbio, de cautela. A imagem e a aura de “esperteza”, “sagacidade” achavam-se presentes na avaliação social.

Há, todavia, quem afirme ou pressuponha que a expressão correta seria “coisa do bacharel”, fruto de fatos históricos, transcorridos e vivenciados em nosso meio no século XIX e cujas ações permaneceram latentes no psiquismo das gerações passadas. Sabe-se que, durante a Revolução Liberal de 1842, grupos rebeldes passaram por campos e cidades da região, sob o comando geral de José Jorge da Silva, cognominado “Bacharel”, cometendo, como só ocorrer em situações desse naipe, esbórdios, mesmo violências e arbitrariedades. Requisitavam víveres, dinheiro ou jóias dos proprietários das fazendas e casas por onde passavam ou realizavam “batidas”; sequestravam gado, cereais e víveres em geral; apossavam-se de cavalos; alistavam, sob coação ou à força, moradores, situações dolorosas em tempos de guerras ou revoluções..

O historiador Luiz Gonzaga da Fonseca, cujos conceitos – externados em sua obra “História de Oliveira” - sobre o Dr. José Jorge da Silva (“Bacharel”) são rebarbativos, depreciativos, ao abordar o tema “Revolução de 1842” infere:

“A cada porta que ele (Bacharel) chegava com seus batedores, o proprietário corria para o quintal, sobraçando sua burra de dinheiro e as joias da família, enterrando tudo em lugares escondidos, dentro de tachos e baús. É o que diz certa tradição. De sorte que, ainda hoje, deve haver aí pelos pomares oliveirenses, muito tacho de moeda dormindo tranquilamente no fundo da terra. Dizem que certos portais ocios e barrotes de assoalho recebiam também valiosos depósitos...” (op.cit. pág. 400). Fica, e com considerável reserva, o registro.



## ORIGEM DA PALAVRA ‘BACHAREL’

Na Antiguidade, o vencedor de uma competição desportiva (como nas Olimpíadas) era agraciado com uma coroa de louro (“laurus nobilis”). O louro, planta de continuo verdor, era assim associado à glória, à perenidade, a algo que não murcha, tornando-se esta coroa vegetal, com o tempo, símbolo e prêmio para generais vitoriosos, estendendo-se do campo bélico-militar (que prevaleceu até a queda do Império Romano) para o intelectual. Cientistas, escritores, pensadores de destaque, compositores, diretores e atores de cinema passaram, igualmente, a serem homenageados com coroa de louros, daí a expressão “poeta laureado”, “cientista laureado” etc.

A premiação com louros foi adotada, no campo acadêmico, pelas universidades europeias ainda na Idade Média e Renascença, onde o graduando recebia uma coroa de louros (“laurus”), composta de folhas e bagas (“baccae”) com a denominação de “bacca laureatus” (bacharel). Como as universidades eram instituições de origem eclesiástica-escolástica, havia uma distinção entre bacharel (mestre licenciado) e doutor, definida pelo Papa Gregório IX em sua Bula “Parens Scientiarum” (1231).

# Chás e Bebidas tradicionais de MINAS

Nos primórdios da colonização mineira, bandeirantes, tropeiros, mineradores, moradores em geral utilizavam-se de chás típicos, extraídos de plantas de cerrados e matas. Hábito de influência indígena e mameluca de vital importância para a subsistência de viajantes e população em geral. Ainda por força da existência de ingredientes nativos ou aqui adaptados e cultivados, nossos ancestrais usavam como bebida: a) catimpuera – espécie de bebida fermentada feita à base da mandioca ou milho b) restilo, geralmente à hora das refeições: c) aluá ou cerveja de milho verde d) capilé. Outras bebidas complementares: leite e derivados (soro, coalhada, mingaus); garapa, considerável variedade de vinhos, cervejas e licores caseiros.

Dentre os chás mais apreciados, então, encontrava-se o de congonha,<sup>(1)</sup> – uma planta ilícea da família das Aquifoliáceas (ou seja da mesma família do mate), que foi, durante séculos a bebida típica mineira, até ser suplantada pelo cultivo do café em inícios/meados do séc. XIX.<sup>(2)</sup> O uso de chás (congonha, marmelinho, etc.) ainda subsiste entre nossa população interiorana e vem crescendo, por força dos hábitos naturistas e de opção de parte da população.

Em sua obra “Feijão, angu e couve”, Eduardo Frieiro afirma: “O mineiro dava o nome de chá (e ainda o faz) a qualquer infusão ou tisana. Três tipos de chá são os que mais aprecia como bebida alimentícia: o chá de congonha, o chá verde ou preto da Índia<sup>(3)</sup> e o chá de folha de laranja, os três também usados como remédios. O hábito de tomar chá de congonha, especialmente depois duma refeição, era o mais antigo. A este propósito, recolhemos de Daniel

de Carvalho:

“Os antigos bandeirantes encontraram no planalto mineiro uma preciosa planta de que faziam infusão – a congonha. Tamanho apreço davam a este valioso arbusto, que diversas povoações ainda guardam, em sua denominação, a lembrança da Ilex paraguayensis como principal característica da localidade (Congonhas do Campo, Congonhas do Norte, Congonhal’ (in “Minas e o bicentenário do cafeeiro no Brasil”, B.Horizonte, 1929, pág.222)

“A congonha é, pois, uma variedade da erva mate, de que se prepara uma infusão teiforme semelhante à muito apreciada yerba ou mate do Paraguai e do Rio da Prata ou chimarrão dos sul-riograndinos. Disse Daniel de Carvalho que a congonha era a bebida de gente pobre, escravos e trabalhadores de roças e lavras, ao passo que os privilegiados bebiam chá ou vinho. Que se tornara bebida de gente sem classe parece confirmá-lo o epigrama em que o poeta Garção (citado por Burton) zombava dos fumos genealógicos da gente paulistana:

Parece-me que estou entre paulistas / que, arrotando congonha, me aturdiam / co’a fabulosa ilustre descendência de seus avós” (Op.cit. págs.70/71)

Guimarães Rosa em sua obra “Corpo de baile” faz referência ao uso dos chás: “Como viu que ela desejava sempre provar das comidas e bebidas sertanejas – achara choco o chá de congonha, mas apreciara muito o da cagaiteira, que é dourado lindo e delicado e tem os suaves perfumes”

## NOTAS

**1.** A palavra “Congonha” vem do tupi “Kô + gôî” e significa “o que alimenta”, “o que sustenta”. Além de bebida alimentícia, a congonha é uma erva medicinal de largo uso na farmacopeia popular, receita por nossas avós e herbanários do passado e vem sendo estudada em laboratórios de pesquisas farmacológicas. Receita no combate ao reumatismo e inflamações em geral.

Uma de suas variedades, a congonha de bugre é indicada para arritmia cardíaca, regularização das funções renais (combate o excesso de ácido úrico, crises de gota) e mais recentemente, a partir de pesquisas científicas, para controle das taxas de colesterol triglicérides.

**2.** O café foi introduzido em Minas em inícios do séc. XIX, na Zona da Mata, vindo do território fluminense. Derrubaram-se as imponentes florestas. Vales, morros, campos são desnudos para a implantação de extensos cafezais que migrariam, depois, para quase todo o Estado, em especial Sul de Minas e Alto Paranaíba.

O uso do café tornou-se muito comum, a partir de meados e final do séc. XIX, difundindo-se celeremente entre os mineiros. Símbolo da hospitalidade, cordialidade, era e é servido fartamente a visitantes e mesmo estranhos.

**3.** O chá da Índia foi introduzido em Minas por volta de 1825, sendo cultivado experimentalmente no Jardim Botânico de Ouro Preto. Seu consumo, entre nós, não teve o mesmo ímpeto e impacto econômico do café, não conseguindo se impor ao hábito e paladar mineiros.



## GLOSSÁRIO

**Abatini** – bebida feita de milho cozido e fermentado.

**Aluá** – bebida refrigerante feita com fermentação de milho moído, a que se acrescentam água, rapadura, cascas de abacaxi, suco de limão, etc. É conhecida também, com algumas variações de ingredientes, pelos nomes de “quimbembe” (PE), “caramburu” (SP), “jijibirra” (MG), “mocaroró” (MA). Segundo estudiosos, a palavra “aluá” vem do árabe “hulaua” (“doce açúcarado); doce de leite com amêndoas trituradas.

**Araca** – aguardente de arroz fermentado.

**Buruso** – resíduo de frutas, cana etc. depois de espremidas; bagaço.

**Cabaú** – mel (ou melado) de tanque nos engenhos.

**Café com duas mãos (café medroso)** – café acompanhado de biscoitos, quitandas etc. Em contraposição ao “café valente”, ou seja café “desacompanhado”. Lara Resende em suas “Memórias I” faz-nos um curioso esclarecimento: “Como subsídio dos senadores, havia o cafezinho de seu presidente. Café valente, isto é, desacompanhado de biscoitos ou capangas. Quem anda só é valente...” (pág.197, op.cit) havia ainda o dito “Café sem bucha meu boi não puxa” (bucha = quitandas, “acompanhamento”).



**Cambica** – bebida quente emulsionada com açúcar; quentão.

**Capilé** – xarope feito com suco de folhas de avenca ou capilária; bebida à base de abacaxi, caju e outras frutas tropicais com água e açúcar (refresco). Para alguns autores, a palavra “capilé” vem do francês “strop de capillaine” (xarope de capilária); para outros sua origem seria o inglês “capilé”.

**Catimpuera** – espécie de bebida fermentada feita com aipim ou milho, cozido e peneirado, a que se acrescenta água e mel de abelha.

**“Comer na gaveta”** – comer escondido, longe dos olhos ou da bisbilhotice alheia. Curioso hábito – de origem judaica diz-se - de algumas pessoas que, ao se alimentarem, ante a chegada de estranhos, ocultavam o prato de comida na gaveta, ou se recolhiam à despensa ou algum cômodo para o repasto privativo. Como o papel dos alimentos, de uma boa e farta mesa e do comensalismo tinham uma importância social preponderante, alguns autores atribuem esse costume de “se esconder” quando das refeições, como uma forma ou atitude do cidadão, iguarias escassas em casa, resguardar o próprio status, manter aparências. Mecanismo de defesa ante a escassez da despensa. A pobreza da mesa era uma forma de desqualificação social. Daí o dito popular “comer angu, arrotar presunto” ou como dizia o nosso famoso vigário Pe. José Duque de Siqueira (1868/1955) “comer couve, arrotar lombo”.

**Curçaçu** – licor de aguardente e casca de laranja amarga (laranja da terra, limão cravo, etc.).

**Édulo** - aquilo que é bom ou próprio para se comer; comestível.

**Enol** – vinho para (ou tido como) excipiente medicinal.

**Enomel** – xarope elaborado à base de vinho e mel.

**“Frege moscas”** – assim eram denominadas, antigamente, as casas ou tascas de ínfima categoria que serviam comida. Locais de má aparência, enfumaçados, mobiliário tosco, frequentados por vadios, pessoas com pouquíssimos recursos, estudantes e operários pobres (“na pindaíba”).

**Jacuba** – refresco ou mingau ralo de fubá misturado com rapadura e água fria ou ainda engrossado com farinha de mandioca (ou de milho), açúcar mascavo ou mel. Uma das mais importantes refeições de nossos sertanejos e viajantes do passado.

**Jembê** – escorregado de quiabo e outras ervas com lombo salgado e angu (MG).

**Jeropiga** – vinho ordinário; vinho cuja fermentação foi suspensa na proporção de 20 a 25% de aguardente.

**Jinjibirra (gingibirra)** – bebida fermentada feita de frutas a que se acrescentam gengibre, açúcar, ácido tartárico, fermento.

**Maçal** – soro de leite que se obtém batendo o leite.

**“Mata bicho”** – repasto acompanhado de café adocicado com rapadura e de merenda quase sempre bolo (broa) de fubá de milho com rapadura ou torrões de açúcar mascavo e mais raramente pão de trigo.

**Maneco sem jaleco** – preparado de fubá (angu) e couve.

**Mazagra** - café frio, servido em copo ou vasilhame avulso, a que se complementa com água (provavelmente uma corruptela ou deformação da expressão “mais água”).

**Mixiriboca** – Várias iguarias misturadas; mexido.

**Mocororó** – rapa da panela.

**Pajauaru** – bebida fermentada feita de mandioca.

**Piché** – fubá torrado; farinha torrada.

**“Quebra jejum”** (“quebra torto”, “tira torto”, “fazer as onze”, desjejum) – alguma coisa que se come ou até mesmo o que restou da véspera, enquanto se aguarda a hora do almoço ou jantar: quitanda ou petisco improvisado, providenciado de momento para prover emergências alimentares.

**Quitanda** – denominação dada a todo tipo de petiscos caseiros (biscoitos, broas, roscas, sequilhos, bolos, etc.) e que nas casas eram expostos em tabuleiros ou cestos de vime, taquara, etc.

**Restilo** (restilada) – resíduo líquido obtido da destilação da aguardente.

**“Roupa velha”** – comida que sobejava da véspera e aproveitada, a que as donas de casa acrescentavam carne seca desfiada, farinha de mandioca ou batatinhas, etc.

**Rum** – bebida alcóolica obtida do melaço da cana de açúcar.

**Tabefe** – iguaria ou gemada de leite, ovos e açúcar fervidos: soro de leite coalhado.

**Tracanaz** (trocalhaz) – naco grande; fatia ou porção grande.

**Tumbança** (Tubança) – iguaria feita de castanha de caju, sumo da mesma fruta e açúcar.

**Xanguana** – café ou bebida rala, insípida.

**Zurrapa** – vinho de má qualidade.



# MUDANÇA DE RUMO

Sentindo meu corpo cansado  
Já por tantos anos vividos  
E pensando na vitalidade e no legado  
Que minha mocidade tinha passado  
O idoso, lentamente caminhava  
Na manhã clara daquele dia.  
Alegre, feliz e atento, a tudo observava e via  
E todos aqueles que o cumprimentavam  
Prazerosamente a sorrir, retribuía.  
Naquele momento, ouvi o chamado de um jovem, que,  
Já se aproximando, ao cumprimentá-lo, me dizia:  
“Meu caro senhor, há muito eu queria,  
Com sua licença, caminhar na sua companhia  
Onde nós, num breve diálogo, eu poderia  
Conhecer melhor as nossas diferenças  
Porque juntos, vivendo este mesmo cenário  
De um país que se mostra tão conturbado  
No qual estamos representando o presente e o passado  
Me surpreende vê-lo, como se nota, carente de suas energias,  
A demonstrar, como vi há pouco, tanta felicidade e alegria!  
Ao passo que eu, com toda essa juventude  
Acabo subestimando a minha vida em sua plenitude  
E me deixo ser levado por um pessimismo malvado  
Que me corrói o cérebro e me deixa tão inseguro  
Fazendo-me duvidar, até mesmo, do meu próprio futuro!”  
E eu, que até então só ouvia,  
Convidei o jovem para se sentar,  
Pois daquela caminhada, já me ressentia,  
Necessitando, assim, de um breve descanso, onde,  
Mais confortável, naquele banco da praça,  
Tentaria fazer aquele jovem-adolescente, cheio de graça,  
Acreditar que todo aquele conflito existente  
Criado pela sua inquieta e confusa mente,  
Era normal a todos, como ele, um adolescente!  
E prosseguindo, o idoso continuou a dizer:  
“Caro jovem, no limiar de nossa existência  
Inseguranças, medos, desconfiança, nos trazem incertezas  
Que são comuns à nossa idade e a nossa própria natureza  
Onde nós, só com a maturidade, naturalmente adquirida,  
Iremos, gradativamente, nos livrando desses fantasmas  
Que agora, como disse, atormentam sua vida.  
Jovem amigo, confie, acima de tudo, em você e no seu futuro!  
Não abandone, de forma alguma, os seus estudos.  
Seja sempre vigilante e contrário às dependências negativas  
Que facilmente poderão destruir o seu futuro e sua vida!  
Lembre-se de que o nosso país muito espera  
De todos os seus jovens e em todas as suas esferas!  
E por isso, espera e entrega, confiante, em suas mãos,  
Dias menos conturbados e mais promissores  
Para nossa tão querida e amada Nação!  
E os idosos, que sempre acreditaram no poder da juventude  
Só querem ver, de vocês, num futuro muito próximo,  
Indiferente a qualquer campo de suas atividades,  
O Brasil resgatando, para o mundo, sua total credibilidade!”

*O mais otimista dos idosos!*  
*Antônio Ribeiro Jackson*  
*Verão de 2016*

